

LURIXS: Quanta Arrogância Se Esconde na Perfeição

Meses atrás, na galeria da Universidade da Amazônia, em Belém, realizou-se a primeira mostra individual de Marcone Moreira. Ao entrarmos na sala, a palavra que saltou à mente foi "Madi". As peças apresentavam a característica subversão do enquadramento regular, a simbiose de escultura e pintura, a viva dinâmica entre cor e geometria, a pintura industrial sobre madeira, o formato modesto. Porém logo se tornaram tão evidente as amplas diferenças entre a obra do jovem artista de Marabá e a estética do grupo concreto rio-platense dos distantes anos 40, que nem sequer valia a pena traçar essas influências. E apesar disso, não dá para fugir à referência.

Marabá, pequena cidade paraense, é um entroncamento de grande movimentação mercantil, uma vez que é percorrida por dois rios que mais parecem mares, a estrada Transamazônica e a ferrovia Carajás. Está repleta de barcos e caminhões, os veículos mais valorizados da economia popular.

Adornados com singulares jogos de cores e padrões que traduzem a rica, variada e luminosa natureza tropical, constituem-se em digna expressão do folclore nortista e são a única fonte direta do trabalho de Moreira. Idreia ao ponto de que sua arte consiste na apropriação de pedaços já inservíveis destes veículos. O artista não pinta nem agrega absolutamente nada. Limita-se a pesquisar, escolher, apropriar-se e desarranjar com aguda sutileza estes velhos fragmentos de madeira para criar obras cuja inventiva cromática e estrutural contrasta com as capas de histórias inerentes aos materiais desgastados por anos de cargas e viagens.

A originalidade de sua obra reside precisamente na síntese entre esta apropriação direta e uma geometria objetiva que a imana e a distingue tanto da tradição concretista brasileira como das reelaborações do artesanato popular no trabalho de artista como Leonilson e Emmanuel Nassar.

Se, conforme afirma Marcelo Pacheco, o grupo Madi buscava "sair da auto-referencialidade" e tratar "a arte como campo aberto e participativo e como agente nivelador no seu aspecto político e nas relações diretas com a comunidade", na prática nunca o conseguiu. Foi impossibilitado por seu essencialismo rigoroso e asséptico. Com parecida sensibilidade construtiva e sintética, em outro tempo e lugar, a arte de Moreira aproxima-se muito mais dessas aspirações, celebrando a cultura e a vida de incontáveis viajantes humildes de sua extraordinária região do mundo

Adrienne Sammos

(folder do Panorama da Arte Brasileira 2003)